

Dilemas da Humanidade

Diálogos em direção ao Socialismo

Síntese das Conferências Regionais



Síntese das Conferências Regionais

Entre julho e setembro de 2023, aproximadamente 800 pessoas de 260 organizações e 51 países participaram de alguma forma de atividades que debateram os Dilemas da Humanidade. Cada uma dessas iniciativas procurou reunir as diversas forças da esquerda em cada região para discutir como superar as muitas crises resultantes do capitalismo e explorar caminhos para a construção do socialismo.

Nosso mundo está em crise: centenas de pessoas se reúnem para discutir os Dilemas da Humanidade

Na Região Árabe-Magrebe, a conferência ocorreu na Tunísia e contou com a participação de 90 delegados de 54 organizações e 12 países. Essa é uma região em que o legado do colonialismo e a agressão imperialista contínua e implacável condenaram todos os países a graus variados de subdesenvolvimento e instabilidade política, econômica e social. A mais recente onda de mobilização popular na região, que começou em 2010, resultou em governos reacionários, guerras civis ou processos democráticos que foram posteriormente sufocados - todos devido à intervenção imperialista. A região segue sendo condicionada pelo controle e pela subordinação dos governos nacionais à hegemonia imperialista e, nesse sentido, a ocupação sionista da Palestina é um nítido exemplo. A repressão política, a perseguição e a ausência de liberdades civis e de democracia estão na frente e no centro dos dilemas que a região precisa superar. A ausência de liberdade política

está diretamente ligada ao atraso econômico que a região enfrenta, pois, sem acesso à participação e à representação, os interesses da classe rentista parasitária determinam a agenda econômica de muitos países. Nesse contexto, os conflitos étnicos, religiosos e sociais, assim como o terrorismo, são obstáculos adicionais que precisam ser enfrentados por uma esquerda dispersa e dividida.

Na Região da África Subsaariana, a conferência “Diálogos Pan-Africanos para construir Socialismo”, que aconteceu na África do Sul, contou com a participação de mais de 180 delegados de 65 organizações e 30 países. No último século, a independência dos Estados do continente africano não rendeu os avanços esperados para os povos da região, que continua profundamente afetada pelo legado do colonialismo e da exploração imperialista. A influência estrangeira no continente tem sido caracterizada por uma forte presença militar, restrições econômicas impostas por instituições financeiras internacionais e abordagens diplomáticas que limitam sua autonomia para agir de acordo com seus próprios interesses e buscar sua autodeterminação. Devido aos efeitos da intervenção liderada pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) na Líbia em 2011, que gerou instabilidade regional e a disseminação de organizações terroristas em toda a África Ocidental, diversos países passaram por conflitos militares prolongados e perdas significativas de vidas. Recentemente, o golpe e as revoltas no Níger deram origem a um amplo sentimento anti-imperialista. A Região do Sahel Africano – ao sul do deserto do Saara – tornou-se o epicentro dos apelos para defender a soberania nacional e resistir à intervenção militar da Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO), da OTAN, da França e dos Estados Unidos. No entanto, a falta de formações políticas mais amplas no continente representou um sério desafio regional. Muitos partidos políticos com raízes nos movimentos de libertação nacional e socialistas se transformaram em

representantes dos interesses ocidentais. O principal problema não é a orientação ideológica dos principais líderes políticos, mas a ausência de independência em relação ao Ocidente. No continente, o desafio é reafirmar sua autonomia diante das influências externas e defender uma visão que atenda genuinamente às aspirações coletivas do povo africano.

Na Região da América do Norte, a conferência “Um Horizonte Socialista: soluções populares para a humanidade” reuniu 320 participantes em Atlanta, Geórgia, representando 40 organizações e 25 estados dos Estados Unidos. No país mais rico do mundo, a falsa promessa de oportunidade e prosperidade para todos fica mais evidente a cada dia. A desigualdade de renda e a pobreza pioraram desde a recessão de 2008 e foram exacerbadas pela pandemia da COVID-19. O legado violento da escravidão, do racismo e da supremacia branca faz com que os negros e as pessoas de cor continuem a ser os mais atingidos pela crise do capitalismo. As revoltas a partir do assassinato de George Floyd, em 2020, contra a brutalidade policial e a violência do Estado mostraram uma consciência elevada sobre a interseção de racismo, pobreza e militarismo. O imperialismo dos EUA continua a impor a violência globalmente, explorando mão de obra e recursos, alimentando guerras intermináveis e mantendo mais de 800 bases militares em todo o mundo. Internamente, os gastos militares desviam recursos de serviços vitais, agravando a pobreza e limitando o acesso à saúde, à moradia e à educação. A guerra em curso na Ucrânia, com mais de 47 bilhões de dólares alocados pelos EUA, não mostra sinais de acabar. A Guerra Fria dos EUA contra a China também ameaça aumentar o militarismo e os esforços anticomunistas. Em resposta, os movimentos de esquerda, incluindo os movimentos de trabalhadores e socialistas, estão ressurgindo nos EUA. O desafio para a região é superar o ataque violento do império dos EUA contra os trabalhadores

e trabalhadoras e unir-se à classe trabalhadora internacionalmente.

A conferência na América Latina e no Caribe contou com a participação de mais de 200 pessoas de 111 organizações e 23 países. Ela foi realizada no Chile, em uma data próxima ao aniversário de 50 anos do golpe contra o presidente de esquerda Salvador Allende no país. Esse contexto impactou substancialmente a conferência, que foi marcada pela reafirmação da luta contínua de construção do socialismo e o caráter atemporal da luta de classes para a transformação social. As recentes vitórias de governos progressistas em países como o Brasil e a Colômbia contribuíram para um espírito de esperança, que se confronta com a preocupação em relação ao crescimento das forças de extrema direita em toda a região. A ascensão da direita é produto de esforços para questionar a legitimidade e a credibilidade das forças e dos ideais progressistas. Amplos setores da população foram influenciados pelo discurso político reacionário, em grande parte devido às estratégias de comunicação eficazes da direita baseadas na manipulação e no falseamento de informações. Outra tendência que marcou o ataque da esquerda na região foi o uso e a manipulação do sistema judiciário como ferramenta para lançar ataques políticos contra a esquerda. As lutas no continente estão concentradas no enfrentamento da superexploração do trabalho, nos níveis crescentes de pobreza e fome, na migração forçada, na violência causada pela militarização e pelo policiamento, e nas crises ambientais causadas pela continuação do capitalismo e da presença imperialista na região.

Lutas para superar o capitalismo

Em todas as regiões, os/as participantes das conferências discutiram os diversos problemas e crises que os povos estão enfrentando devido à continuação do capitalismo e do imperialismo, ressaltando em todos

os casos a natureza inviável do capitalismo como um sistema para promover o desenvolvimento no Sul Global e a justiça e a igualdade em todo o mundo.

Organização da classe trabalhadora

Sejam mulheres, negros, trabalhadores/as do setor formal ou informal, povos indígenas, camponeses/as, moradores/as de centros urbanos, desempregados/as, migrantes, LGBTQIAPN+ ou jovens, todas as conferências regionais discutiram a diversidade e as condições da classe trabalhadora e a urgência de construir formas organizativas.

Todas as conferências debateram os desafios e as oportunidades de avançar em direção a uma maior organização da classe trabalhadora. A necessidade de criar instrumentos e organizar os não-organizados foi um tópico de debate em todas as conferências. No Chile, os participantes destacaram a importância de ver a organização como o único meio de aumentar o poder dos/as trabalhadores/as e realizar uma transformação fundamental na vida da classe trabalhadora. Na África do Sul, houve uma discussão sobre a necessidade de combater os esforços de cooptação das lutas por parte das ONGs e das corporações multinacionais. Da mesma forma, nos EUA, surgiu uma discussão sobre as limitações da liderança de organizações sem fins lucrativos nos movimentos da classe trabalhadora. Um apelo emergiu da conferência dos EUA: a necessidade de construir um partido comunista capaz de aproveitar as aspirações e energias de milhões de pessoas da classe trabalhadora e oprimidas que buscam um instrumento organizativo. Na Tunísia, um tema abrangente durante toda a conferência foi a necessidade de recuperar as liberdades políticas e as liberdades necessárias, que são essenciais para a construção de uma organização. As terríveis condições de repressão

e perseguição, incluindo o número crescente de presos políticos em toda a Região Árabe e Magrebe, foram profundamente debatidas, ressaltando a necessidade permanente de garantias democráticas e condições adequadas para a organização.

Na América Latina, os/as participantes afirmaram a necessidade de criar estratégias de organização que se baseiem nas realidades concretas de diferentes comunidades e territórios, insistindo que as abordagens devem corresponder às condições concretas. Esse sentimento ecoou na conferência da Tunísia, onde foi enfatizada a diversidade da classe trabalhadora atual e a necessidade de entender melhor sua composição e realidade. Todas as quatro conferências regionais ressaltaram a necessidade de buscar abordagens adaptadas à realidade dos/as trabalhadores/as informais. Na África Subsaariana, uma preocupação adicional foi levantada com relação aos/as desempregados/as Na Região Árabe-Magrebe, a ênfase nas condições específicas das mulheres trabalhadoras, dos/as jovens trabalhadores/as e dos/as trabalhadores/as migrantes foi levantada como uma tarefa fundamental para avançar em direção a um movimento sindical mais representativo e forte. Na América Latina, os/as participantes discutiram a possibilidade de outros tipos de organizações além do sindicato, sem descartar a importância de organizar a classe trabalhadora em relação ao seu trabalho e local de trabalho. Essas reflexões foram resultado de um debate sobre a transformação do mundo do trabalho na região. O neoliberalismo gerou várias modalidades de emprego, das quais a maioria é informal e precária. À luz dessa realidade, a conferência latino-americana discutiu a necessidade de considerar a economia popular – um sistema de trabalho auto-organizado concebido como uma estratégia de sobrevivência por trabalhadores/as aos quais foi negado o acesso ao emprego – e seus desafios específicos com relação à construção da organização. Na América do Norte, os participantes

destacaram a importância de construir um movimento multirracial, e muitos enfatizaram a necessidade de priorizar as pessoas de cor, especialmente os trabalhadores negros, nos esforços de organização.

A situação atual dos sindicatos e a luta sindical foram profundamente debatidas na África Subsaariana, na América do Norte e na Região Árabe-Magrebe. Na África do Sul, os/as participantes afirmaram que o corte de gastos e o desemprego são enormes desafios para os sindicatos, que devem buscar não apenas o aumento dos salários, mas também organizar novos/as trabalhadores/as além das fronteiras e dos setores, além de buscar os meios para incorporar os/as desempregados/as de alguma forma. Nos EUA, houve um forte apelo para que o engajamento ativo no recente ressurgimento do movimento trabalhista e da atividade grevista, e os/as participantes/as debateram novas formas de organização sindical que devem ser usadas para se adaptar à realidade do trabalho informal no país, no qual a organização sindical tradicional é inviável. Na Tunísia, a repressão e o controle externo dos sindicatos, juntamente com uma tendência à burocracia e à separação da luta política da econômica, foram percebidos como os principais problemas enfrentados pelo movimento sindical. Grande parte da discussão na Tunísia também refletiu a necessidade de entender melhor a nova composição da classe trabalhadora para elaborar as estratégias corretas para organizar os desorganizados. A cooperação, a colaboração e a troca de informações entre os sindicatos da região foram levantadas como prioridade, considerando a criação de plataformas on-line que poderiam reunir conhecimento sobre as condições e as lutas trabalhistas e até mesmo a possível criação de uma federação sindical regional.

A juventude e as abordagens específicas para organizar esse setor foram tópicos de debate na Região Árabe-Magrebe, que também

discutiu a falta de oportunidades que os/as jovens enfrentam em países assolados pela guerra e por uma grave crise econômica. Foram feitas propostas sobre a formação de frentes regionais de estudantes como uma abordagem para mobilizar a juventude em uma luta unida contra a normalização das relações entre os Estados árabes e Israel. Essa questão é fundamental para a luta política e anti-imperialista na região. Os participantes se uniram em torno da ideia de que os esforços em torno da formação política precisam continuar e redobrar nesse setor, e novas ferramentas de comunicação precisam ser desenvolvidas para politizar ainda mais e envolver a juventude na luta.

Todas as regiões se uniram em torno da ideia de que a luta feminista contra o patriarcado e pela igualdade de gênero tem sido fundamental para a emancipação da classe trabalhadora e para a luta de classes atual. Nos Estados Unidos, o debate sobre gênero centrou-se na luta pela justiça reprodutiva em face de uma tendência nacional de derrubar políticas que protegem as mulheres. Especificamente, as discussões sobre justiça reprodutiva enfatizaram que isso inclui o direito de ter ou não ter um filho, a autonomia corporal e o direito de criar os filhos em um ambiente seguro. Na América Latina, o feminismo tem sido fundamental para as lutas que buscam impedir as reformas neoliberais e defender os direitos básicos. Essa experiência levou a região a discutir a importância de não tratar o feminismo como uma questão setorial isolada, mas sim de adotar uma abordagem transversal que o integre a todas as outras lutas. Esse ponto também foi ressaltado na Região Árabe-Magrebe, onde as condições específicas das mulheres foram discutidas em relação a todas as lutas setoriais. Nas condições de guerra que abundam em toda a região, as mulheres são alvos centrais de crimes humanitários e formas extremas de violência. Com relação ao trabalho, as mulheres ocupam os piores empregos e frequentemente trabalham em setores onde a sindicalização é criminalizada nos países

árabes e do Magrebe. Essa realidade de exploração e opressão aguda das mulheres deve fazer parte de qualquer programa de esquerda na região. Discussões semelhantes sobre as formas específicas e profundas com que o capitalismo ataca as mulheres também foram realizadas na África Subsaariana e na América do Norte.

Na Tunísia, as mulheres destacaram que, apesar do papel central que elas desempenharam nas revoltas populares, sua participação na liderança de partidos e sindicatos ainda não atingiu a paridade. Foi levantada a necessidade de pressionar por uma agenda feminista específica dentro dos partidos de esquerda e a insistência em uma participação mais significativa na liderança de processos. Tanto a região da África Subsaariana quanto a Região Árabe-Magrebe discutiram as limitações do feminismo burguês, ressaltando a maneira como a classe condiciona fortemente a opressão e a exploração das mulheres. Na conferência Árabe-Magrebe, os participantes insistiram em não permitir que o movimento de mulheres – que tem uma rica e longa história – fosse absorvido pelo feminismo burguês que atende a uma agenda imperialista na região.

Com relação às lutas LGBTQIAPN+, a conferência na África Subsaariana debateu o enorme desafio que elas representam em uma região onde a maioria da população tem sido historicamente condicionada à discriminação contra pessoas LGBTQIAPN+. Embora tenha sido levantada a necessidade de avançar nos esforços e na conscientização e proteger a vida das pessoas LGBTQIAPN+, a necessidade de evitar alienar a base dos partidos que estão crescendo em número de membros foi uma preocupação.

A imigração também foi discutida na conferência pan-africana, enfatizando a necessidade de enfrentar a desumanização das

vidas africanas, que é parte intrínseca da forma como os migrantes africanos são tratados. Enquanto isso, no Chile, o tema da segurança foi levantado considerando os altos índices de violência que muitos países sofrem por vários motivos, ameaçando a vida das pessoas e forçando-as a uma jornada migratória precária. A questão da segurança é central na discussão sobre a soberania regional, dados os níveis de interferência na segurança e na defesa que o imperialismo impõe sobre o continente. Novas abordagens para a questão da segurança devem ser desenvolvidas a partir da perspectiva da soberania da comunidade sobre o cuidado e a proteção de seu território, de acordo com uma lógica diferente de como o Direito trata a necessidade de segurança.

Lutas por bens materiais e sociais

Em todas as regiões, há uma série de lutas, tanto nas áreas urbanas quanto nas rurais, que buscam resolver o problema da falta de acesso a bens sociais e materiais básicos que aflige a classe trabalhadora. Essa negação de bens e serviços básicos a grandes segmentos da população é entendida por todas as regiões como um sintoma do capitalismo e do imperialismo, e essas lutas são essenciais para se avançar em direção ao socialismo.

Na América Latina e o Caribe, foi enfatizada a necessidade de os movimentos buscarem soluções para satisfazer as necessidades materiais do povo como meio de construir poder popular e se organizar, além de destacar a incapacidade do capitalismo de atender às necessidades do povo. A integração regional foi discutida como uma abordagem que poderia permitir que governos progressistas satisfizessem melhor as necessidades do povo. Houve um debate profundo sobre a integração regional, enfatizando o papel que ela

pode desempenhar no desenvolvimento da soberania nacional e regional. Uma integração mais profunda por meio do desenvolvimento de mecanismos existentes, como a Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (CELAC), a União das Nações Sul-Americanas (UNASUL) e a Aliança Bolivariana para os Povos da Nossa América - Tratado de Comércio dos Povos (ALBA-TCP), poderia avançar com maior participação dos movimentos populares. Além disso, a integração deve ser explorada não apenas nas vias comerciais e econômicas, mas também na defesa e no âmbito do judiciário. Também foi levantado que os projetos de integração devem avançar em uma agenda decolonial de várias maneiras, inclusive por meio da busca conjunta de reparações, da descolonização de Porto Rico e do respeito às soberanias de Cuba e do Haiti. Por fim, houve uma discussão sobre a possibilidade de iniciativas voltadas para a integração a partir dos próprios movimentos populares para satisfazer as necessidades do povo como um projeto regional de integração.

Na África Subsaariana, o tema da moradia foi fundamental para a conferência, com base na extrema necessidade habitacional enfrentada pelo povo em todo o continente, tanto nas áreas urbanas quanto nas rurais. Com base no entendimento de que a mercantilização da terra e o consequente acesso desigual a ela estão na raiz da crise habitacional, foi afirmada a necessidade de buscar a desmercantilização e a propriedade coletiva. Os/as ativistas envolvidos nas lutas por moradia insistiram na importância de enquadrar a moradia como um direito humano no discurso público e resistir às narrativas que reforçam o acesso desigual como inevitável. Um apelo semelhante em favor da moradia como um direito humano surgiu na América do Norte, onde a crise habitacional afeta pessoas em áreas rurais e urbanas, na fronteira entre os EUA e o México e em reservas indígenas.

A conferência da África do Sul também discutiu o acesso inadequado e desigual à saúde, concluindo que somente uma abordagem socialista que desmercantilize os serviços de saúde poderia satisfazer as necessidades da população. As discussões reafirmaram que a saúde, a ciência e a tecnologia devem ser concebidas como questões de dignidade humana desenvolvidas para o acesso universal. Nos EUA, a questão da saúde foi levantada de forma semelhante, especialmente o grave impacto do fechamento de hospitais e dos cortes no seguro de saúde pública para milhões de trabalhadores/as. As discussões reafirmaram que o direito à saúde é vital para a construção de um futuro digno.

A questão dos alimentos e da agricultura foi discutida na Tunísia, na África do Sul e no Chile, e todas as conferências concordaram com a inviabilidade da agricultura sob a lógica capitalista, devido à sua natureza destrutiva e exploradora e à sua incapacidade de alimentar as pessoas do mundo de forma adequada e suficiente. A mercantilização da natureza foi diagnosticada como a causa principal da crise ambiental em todas as regiões, e os esforços para colocar a terra e a natureza sob domínio público e democratizar o acesso por meio de projetos de reforma agrária foram vistos como alternativas à estrutura atual.

As conferências na África do Sul e na Tunísia discutiram o problema da fome em suas regiões, que foi exacerbado pelo conflito na Ucrânia, no caso da Região Árabe-Magrebe. As regiões da África Subsaariana, Árabe-Magrebe e América Latina concordaram com o papel fundamental dos/as camponeses/as na elaboração de soluções para os problemas da agricultura sob o capitalismo. Nas três conferências, houve unidade em torno da ideia de que a agricultura ambientalmente sustentável e a agroecologia são alternativas viáveis e que as comunidades rurais e camponesas detêm conhecimentos e

expertise importantes. Em especial, as discussões no Chile apontaram para os princípios de reciprocidade e complementaridade, abordagens baseadas na comunidade e redes dedicadas à reprodução da vida que fazem parte da cultura ancestral e originária de muitos povos do continente.

Foi discutida a necessidade de disseminar práticas agrícolas agroecológicas e criar condições para o sucesso da agricultura em pequena escala. Na África Subsaariana, os/as participantes consideraram que a fome extrema na região exigia a exploração da mecanização e da produção em larga escala como parte de uma abordagem abrangente. Na Região Árabe-Magrebe e na América Latina, o foco foi a questão do acesso desigual à água e os graves problemas que isso cria para os/as pequenos/as agricultores/as e camponeses/as. Na América do Norte, os/as participantes destacaram que o controle das corporações estadunidenses sobre os alimentos, a agricultura, a terra, os agrotóxicos e os custos ambientais colocam o mundo inteiro em risco. A soberania alimentar foi discutida em todas as regiões como uma abordagem necessária e, na Tunísia, houve uma ênfase na conexão com a soberania nacional.

Em todas as conferências, houve consenso quanto à importância de priorizar a luta em defesa da natureza e pelo meio ambiente e de enfrentar a crise com um programa socialista, com maior participação dos movimentos da classe trabalhadora. A esse respeito, houve uma divergência entre o apelo por uma maior participação dos movimentos da classe trabalhadora nos espaços em que a crise ambiental é discutida, como as conferências das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP), ou a possibilidade de criar espaços totalmente separados com base em uma lógica e uma abordagem diferentes.

Os movimentos latino-americanos e caribenhos discutiram a necessidade de reformular a narrativa e adotar uma linguagem diferente para falar sobre a situação atual. Os/as participantes levantaram a necessidade de não mais falar de uma “crise ambiental”, mas sim da necessidade de defender a vida e os bens comuns da natureza. Além disso, a região defendeu uma abordagem organizativa que integre essa luta com as agendas antipatriarcais, antirracistas, anticapitalistas e anti-imperialistas. Os movimentos reunidos no Chile planejaram desenvolver um processo, em 2024, para construir uma síntese abrangente do conhecimento, das políticas e dos pontos de união entre as diferentes forças de esquerda em relação ao meio ambiente como um meio de avançar nessa luta.

A batalha de ideias

A batalha de ideias, entendida como a necessidade de um projeto de esquerda para contestar ideias, narrativas, emoções e crenças que estão a serviço do capitalismo, foi discutida em todas as regiões. Houve consenso em torno da necessidade de se engajar em uma batalha ideológica sobre a interpretação da realidade com base no entendimento de que a representação da realidade que está presente na corrente dominante disfarça a verdadeira natureza dos problemas que as pessoas enfrentam. Em mais de uma conferência, houve uma referência específica à narrativa capitalista sobre a crise ambiental e a urgência de enfrentá-la.

A conferência no Chile chamou a atenção para a necessidade de recuperar uma estrutura histórica e materialista dialética nas comunicações, buscando incorporar referências filosóficas da região ligadas a uma política emancipatória. Em termos de avanço na criação de projetos de mídia popular e alternativa, um ponto importante que

foi levantado foi a busca de políticas em governos progressistas para financiar e apoiar o desenvolvimento da comunicação popular. Foi levantada a necessidade de entender melhor o terreno ideológico da classe trabalhadora hoje, talvez por meio do uso de ferramentas avançadas de coleta de dados. Foram propostas maior colaboração, cooperação e formação de redes eficazes de comunicação popular, bem como o desenvolvimento de ferramentas para conquistar alguma medida de soberania tecnológica. A conferência também enfatizou a necessidade de disputar subjetividades por vários meios, que incluem pesquisa, publicações editoriais, arte e cultura. As dimensões das relações sociais, das emoções e da experiência humana em seu sentido amplo devem ser consideradas ao se discutir o fracasso do capitalismo. As relações sociais e a experiência subjetiva dos seres humanos sob o capitalismo estão comprometidas devido à lógica inerente de desigualdade e exploração do sistema, e essa realidade deve ser exposta, questionada e debatida a partir de uma perspectiva de esquerda, humanista e anticapitalista.

Na conferência da África do Sul, houve um entendimento de que uma expressão significativa da hegemonia do capitalismo na sociedade era o controle da informação. A necessidade de expandir o trabalho na mídia, na educação e na produção de arte e cultura foram tarefas fundamentais para o avanço de um projeto de esquerda. Esses esforços na região não são necessários apenas para travar uma batalha ideológica contra o capitalismo, mas também contribuem para o desenvolvimento geral do continente.

Na conferência dos EUA, um dos principais tópicos de debate foi como o anticomunismo, o anti-intelectualismo e a tendência nacional de apagar as verdades políticas dos currículos da educação pública mudaram as atitudes nacionais em relação ao socialismo, inclusive

nas organizações populares. Houve discussões significativas sobre a necessidade de priorizar a formação política e a guerra ideológica para combater essa regressão.

A religião foi um tópico de discussão nas regiões Árabe-Magrebe, África Subsaariana e América do Norte, onde os participantes discutiram como a religião tem sido usada como arma com o objetivo de semear a divisão e preservar a ordem existente. Na região árabe, houve uma discussão sobre a necessidade de superar os esforços ideológicos que vinculam a identidade cultural e religiosa a ideias e princípios que servem ao capitalismo e às estruturas de classe existentes. Enquanto isso, na África Subsaariana, discutiu-se a necessidade de estudar e entender a conexão real entre religião e terrorismo, evitando as narrativas tradicionais que atribuem a violência a determinados sistemas de crenças religiosas. Na América do Norte, surgiram discussões sobre os esforços para combater o evangelicalismo cristão de direita e supremacista branco que molda a consciência e as experiências diárias da classe trabalhadora e de seus opressores. No entanto, a abordagem estratégica para o engajamento em questões de fé – decorrente da história de organização baseada na fé nos EUA – continua sendo uma questão pendente.

Pontos de unidade política

Em cada conferência, os principais pontos de unidade política foram destacados como um roteiro para dar continuidade a uma agenda que construa o socialismo hoje.

Um ponto forte de unidade na Região Árabe-Magrebe diz respeito à necessidade de construir o poder para enfrentar o imperialismo na região, entendendo sua influência e presença como o maior obstáculo para o avanço de um projeto de esquerda. Especificamente, a ausência

de democracia na maioria dos países e a prevalência de guerras, conflitos e regimes autoritários submetem os/as militantes políticos a condições repressivas que dificultam a capacidade de construir projetos e organizações duradouros. A ocupação da Palestina pelas forças sionistas e a negação da soberania nacional ao Saara Ocidental exigem a formação de amplas frentes regionais de ação política pela soberania. Para isso, é preciso desenvolver um trabalho intenso e permanente para combater a divisão semeada pela classe dominante da região. Os esforços de organização na região devem avançar em quatro setores: mulheres, jovens, camponeses/as e trabalhadores/as, criando mecanismos para maior intercâmbio e capacidade de ação conjunta. Os movimentos e partidos da região estão unidos em torno da importância estratégica do avanço da formação política para criar maior unidade, desenvolver estratégias de organização conjunta e enfrentar os desafios organizativos e políticos da região.

17

A conferência na África Subsaariana alcançou unidade em torno de uma série de resoluções que reafirmaram o compromisso com o pan-africanismo e a luta pelo socialismo, além do enfrentamento ao colonialismo e ao imperialismo em todo o mundo. A soberania nacional e a autodeterminação são prioridades políticas na África, e os movimentos se comprometeram a se solidarizar com as lutas que buscam afirmar isso e a rejeitar continuamente as bases militares estrangeiras no continente. Os movimentos na conferência expressaram apoio ao desenvolvimento e à expansão contínuos do BRICS como um potencial contraponto a uma ordem unipolar. A região condenou a escalada da guerra na Ucrânia pelo Ocidente e apelou por uma solução pacífica, ao mesmo tempo em que parabenizou a República Popular da China pela contenção de cair na provocação ocidental. Com relação às principais questões que mobilizam a classe trabalhadora no continente – igualdade de gênero, moradia, acesso

à saúde, tecnologia e ciência, juventude e trabalho – a região está comprometida em desenvolver ainda mais os espaços e a capacidade de formação política. Por meio do intercâmbio entre os países e de uma maior abordagem e estudo de temas relacionados a questões-chave, a região vê um caminho para o avanço do projeto pan-africano de construção do socialismo e da soberania nacional.

Na América do Norte, houve uma conclusão unificada de que a construção do socialismo é a solução imperativa diante da ameaça representada pelo capitalismo e pelo imperialismo dos EUA. Apesar da diversidade de organizações representadas na conferência, houve um apelo claro para a construção de um entendimento compartilhado do socialismo por meio da formação política e da descoberta de soluções de base para a construção do socialismo. A formação política também foi apontada como um caminho para combater o novo Macarthismo e todas as expressões de anticomunismo, nacionais e estrangeiras, incluindo a agressão dos EUA contra Cuba, Venezuela e China. Para combater o imperialismo dos EUA, houve consenso de que o engajamento na luta e na resistência da classe trabalhadora internacional deve ser fundamental para o trabalho organizativo e a abordagem da região. Houve um reconhecimento comum das limitações da organização de “questões únicas” e da necessidade de construir um movimento unido por um programa político mais abrangente, com um senso substantivo de cooperação estratégica entre as lutas. Com as formas alternativas que assumiu nos EUA nos últimos anos, a região reconheceu o trabalho organizado como uma arena fundamental na qual a região deve se engajar. A região reconheceu a necessidade de persistir na construção de uma visão coletiva, forjando um compromisso compartilhado com a ação conjunta e desenvolvendo a dedicação ao cultivo da unidade de princípios.

18

Na América Latina, houve unidade em torno da importância de se construir o socialismo hoje, refletindo a orientação antirracista e anticolonial, bem como a herança indígena e afrodescendente dos povos do continente. Para avançar em uma agenda socialista, foi discutida a possibilidade de construir frentes amplas, garantindo que elas não impeçam os movimentos de continuar a se radicalizar e avançar em uma agenda inequivocamente socialista. Os governos progressistas da região continuam a ser vistos como uma possibilidade de avanço de um projeto de esquerda. Ainda assim, os movimentos se uniram em torno da necessidade de uma participação popular mais profunda e significativa nesses governos. Reconheceu-se que a multipolaridade é um contexto que deve ser levado a sério e que implica uma análise mais cuidadosa e profunda para entender o lugar que os países da América Latina e do Caribe ocupam no rearranjo das estruturas de poder global e em relação à China. Concordou-se que a multipolaridade, por si só, não é garantia de soberania regional e nacional, e que a integração regional continua a ser uma prioridade para o projeto da esquerda na região.

O processo internacional Dilemas da Humanidade

Diante dos desafios impostos pela atual crise do capitalismo, está nítido que as soluções genuínas para os dilemas da humanidade estão surgindo da classe trabalhadora em todo o mundo. A mensagem retumbante dessas conferências é inequívoca: a classe trabalhadora, que é a espinha dorsal da sociedade, é o único setor capaz de moldar uma visão de um mundo futuro que seja digno da humanidade, com base nos valores de solidariedade, justiça, respeito, amor ao próximo e cuidado com o meio ambiente.

Os movimentos populares em todo o mundo estão enfrentando diariamente um ataque implacável ao bem-estar e às aspirações dos povos. O capitalismo e o imperialismo ameaçam não apenas o frágil equilíbrio de nosso planeta, mas também a própria essência de nossa humanidade compartilhada. É evidente que o sistema atual é fundamentalmente incapaz de resolver os dilemas da humanidade. Em meio a essas crises que colocam em xeque a existência da humanidade, não basta apenas identificar os problemas que enfrentamos; precisamos buscar ativamente soluções.

As conferências regionais do Dilemmas da Humanidade representam um avanço significativo na luta contínua da classe trabalhadora. Essas conferências não apenas provocaram debates críticos, mas também acenderam a esperança e o compromisso com a construção de um mundo melhor. Essas conferências são apenas uma etapa na construção de um projeto socialista. À medida que avançamos para a próxima etapa – a Conferência Internacional Dilemas da Humanidade, em outubro de 2023 – devemos levar adiante a determinação da classe trabalhadora do mundo que foi expressa nessas conferências para construir um horizonte mais iluminado e mais humano.





DilemmasOfHumanity.org